



Literatura e história: práticas leitoras com um grupo de leitores da terceira idade

Mariléia Gärtner¹

RESUMO

As ações extensionistas do projeto Literatura e História: práticas leitoras com um grupo de leitores da terceira idade, o qual está vinculado ao Programa Permanente de Extensão: Universidade Aberta para a Terceira Idade/UATI, da UNICENTRO, objetiva promover a inclusão cultural dos idosos, por meio de práticas leitoras com textos artísticos de temáticas históricas. Assim, a socialização de resultados científicos, por meio do desenvolvimento de práticas leitoras com narrativas literárias, textos fílmicos e espetáculos teatrais com um grupo de aproximadamente 50 leitores da terceira idade, possibilita pensar a extensão universitária como um espaço que produz o conhecimento a partir da experiência, e assim, tem capacidade de narrar sobre o seu fazer.

Palavras-chave: Literatura e história, Leitura, Terceira Idade.

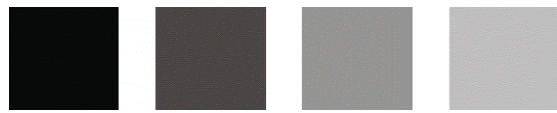
No ano de 2007 assumi a Chefia da Divisão de Extensão Comunitária/DIEX-I e, conseqüentemente, a coordenação administrativa do Programa Permanente de Extensão: Universidade Aberta para a Terceira Idade, o que me fez conhecer a proposta do referido programa. Assim, a inclusão cultural dos idosos que frequentam a UATI é um dos seus objetivos (entre outros), mas percebi que são poucas as atividades que possibilitam desenvolvê-lo. Então, procurando

atender a uma das solicitações do grupo de idosos, iniciei o projeto de extensão "Literatura e História: práticas leitoras com um grupo de leitores da terceira idade," que tem como objetivo principal promover a inclusão cultural dos idosos matriculados na UATI, por meio de práticas leitoras de textos narrativos literários, textos fílmicos e espetáculos teatrais de temática histórica.

Para entender minha opção em trabalhar com Literatura e História, como uma das formas de inclusão cultural de um grupo da terceira idade, é necessário lembrar


que desenvolvo pesquisa sobre Literatura e História há sete anos, inclusive no meu doutoramento, ocasião em que estudei um corpus de narrativa histórica contemporânea que denominei de "Romance Histórico Contemporâneo escrito por mulheres". Posteriormente, desenvolvi outro projeto, desta vez pesquisa institucional (PQI), intitulado Histórias de Mulheres: o romance histórico de Ana Miranda e, como resultado desse estudo, percebi a necessidade da reavaliação do processo de socialização dos resultados científicos por meio de atividades extensionistas, o que deu fulcro a este projeto de extensão, agora






“Literatura e História: práticas leitoras com um grupo de leitores da terceira idade.” Atualmente, muitas das representações do papel do idoso têm se mostrado diferentes, até porque a representação da velhice, como processo de perdas, tem sofrido uma inversão. Desse modo, hoje, o idoso é valorizado e privilegiado, tendo em vista as novas conquistas, em busca de prazer, da satisfação e da realização pessoal.

O espaço historicizado atual colabora para a fomentação da temática, uma vez que as últimas décadas do século XX foram marcadas por um enorme interesse por temas históricos, tanto na literatura quanto no cinema e na televisão. Miniséries como O Memorial de Maria Moura (1994), Canudos (1997) e A muralha (2000), apresentadas pela Rede Globo, ilustram bem esse contexto. A literatura brasileira também viveu uma experiência bem significativa nesse período, uma vez que ocorreu uma verdadeira explosão de ficções históricas publicadas no país. Assim como escritores desconhecidos

 passaram a publicar romances históricos, também escritores já conhecidos pela crítica o fizeram.

 Para Antônio Roberto Esteves (1998), o sucesso dos romances históricos, entre os leitores brasileiros não se dá simplesmente pelo intuito de reconstruir as ilusões perdidas

em razão da crise política, social, moral e econômica que assola os homens. Assim, outra explicação para a proliferação desse tipo de romances está na necessidade de buscar “heróis, mitos e outras marcas características em que possamos enxergar melhor nossa própria realidade” (ESTEVES, 1998, p. 139), uma vez que esse reencontro de modelos e heróis permite “a superação da crise e a continuidade da luta pela conquista da identidade” (ESTEVES, 1998, p. 139). Elemento que pode explicar a boa aceitação dos textos selecionados para as práticas leitoras, por parte dos idosos que participavam do projeto, ou melhor, as atividades não só auxiliam na construção da história dos idosos, elas possibilita que o grupo discuta o sentido do idoso na história.

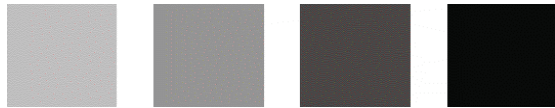
Entendendo a literatura como um reino de ambiguidades, suas verdades passam a ser vistas como relativas. Assim, elas, com frequência, configuram-se como mentiras históricas, pois a literatura apresenta uma visão histórica que os historiadores, em seus textos, não sabem e não podem contar. Nesse sentido, Mario Vargas Llosa (1990) lembra que Balzac escreveu: “a ficção é a história privada das nações”; assim, afirma que diante da subjetividade das verdades configuram-se os textos literários, e estes garantem sua principal função: resgatar uma parte da nossa memória. Para o teórico, a verdade histórica é também indispensável e insubstituível para saber o que somos e o que acaso poderíamos

ser como indivíduos, mas que não seremos de verdade, uma vez que somente no mundo da fantasia e invenção (a nossa história secreta), poderemos ser, ou seja, só por meio da literatura.

Para Mário Miguel González (2005), em seu artigo “O romance que lê as leituras da história”, a literatura e a história são discursos que, inicialmente, se opõem radicalmente. O discurso ficcional, então se alicerça na verossimilhança, enquanto o discurso histórico, comprometido com a verdade, deixa registrado o que o historiador julga ser verdadeiro, sua versão dos fatos, pois busca a univocidade e evita versões diferentes para um mesmo fato.

É importante ter claro que, a partir das novas abordagens históricas, o diálogo entre literatura e história passou a ser produtivo. De acordo com Weinhardt, essa nova concepção científica tomou consciência de que a literatura e a história são produzidas de material discursivo, e “todas as formas de resgate do passado são permeadas pela consciência de que a construção verbal não é o fato e não é ingênua” (WEINHARDT, 1994, p.49).

História e ficção são termos construídos historicamente, sistemas culturais de signos, cujas definições e inter-relações variam ao longo do tempo. Faz-se necessário lembrar, então, que há uma distinção antiga entre ficção e história, na qual a primeira é vista como representação do imaginável, enquanto a outra, do verdadeiro. Mas, para entender como se construiu essa oposição,



é preciso considerar que, já para Aristóteles, em sua obra *Poética*, a história trata de verdades particulares e não universais, enquanto a poesia fala de verdades possíveis ou desejáveis, uma vez que está embutida de um caráter mais filosófico, além de ser universal. Para Antônio Celso Ferreira (1996), foi Aristóteles que estabeleceu a gênese da antítese entre os dois paradigmas mas, com o avanço do racionalismo, nos tempos modernos, essa contraposição se acentuou, resultando na inversão dos termos e, como o alicerce do divórcio entre arte e ciência, inclusive solidificou a separação entre ficção e verdade, que ocorreu bem mais tarde.

No entanto, ao longo da história não houve uma verdadeira separação entre esses dois campos. Conforme Mata Indurán (1995), foi com o positivismo, no século XIX, que se deu o início das discussões que atentaram para a separação entre literatura e história.

Cristina Maria C. Vieira (2000), por sua vez, lembra que a historiografia e o romance histórico propõem e pressupõem modos "dissimilares de cognição", pois um mesmo fato histórico, quando lido num texto literário, é entendido como poético e, num manual de história, como mimético. O fato em si não determina se o texto é ficcional ou não, mas o pacto de leitura estabelecido. A professora Sandra Jatahy Pesavento ressalta que "a colocação em ficção da

experiência histórica é uma obra, uma construção". E o esforço da imaginação para recriar um fato histórico, dotá-lo de coerência e de sentidos, faz parte tanto da própria produção quanto do leitor, considerando que "ambos estão fora do acontecido – ou do que se apresenta como acontecido – e tentam penetrar neste mundo" (PESAVENTO, 2000, p. 39-40).

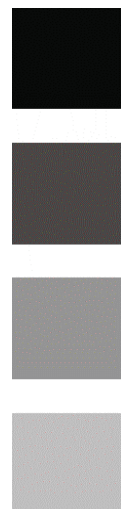
Mário Miguel González (2005) lembra que o romance histórico, provavelmente, é a prova de que a história e a literatura não precisam ser confundidas e, cada uma delas, tem um discurso próprio, pois o romance libertou a história de sua confusão com o ficcional e alforriou a ficção da necessidade de se acreditar nela. Assim, passam a existir dois tipos de leitor: o da história e do romance. Para o teórico, o primeiro é aquele "que julgará com relação à verdade a comunicação e a interpretação dos fatos pelo historiador", e o segundo tipo de leitor, aquele que julgará "criticamente a narrativa em si mesma", complementando a criação literária por meio da sua interpretação pessoal.

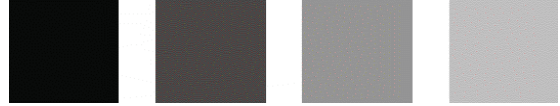
A história e a literatura, ao longo da história, em alguns momentos, andaram de mãos dadas; em outros, por caminhos aparentemente opostos. O romance histórico, neste contexto, pode ser visto como o lugar ideal para a encenação do processo historiográfico, pois, como Antônio Roberto Esteves (1998, p. 125) afirma, "a história e a literatura

têm algo em comum: ambas são construídas de material discursivo, permeada pela organização subjetiva da realidade, feita por cada falante, o que produz uma infinita proliferação de discursos".

Valendo-se ainda das reflexões do professor Esteves, quando se entende o texto narrativo ficcional e o histórico como construções discursivas, pode-se pensar que, por meio da literatura, é possível chegar à verdade histórica, uma vez que ela possibilita "uma aproximação poética em que todos os pontos de vistas contraditórios, mas convergentes, estejam presentes" (ESTEVES, 1998, p.125). Assim, práticas leitoras que exploram textos artísticos com temáticas históricas auxiliam os idosos, envolvidos no projeto, a entenderem que o significado do envelhecimento está intimamente ligado ao contexto social e que a representação que se faz dele é cultural. Pois, quando surgiu a categoria denominada "terceira idade", a história da velhice vivenciou uma das maiores transformações.

Entende-se que foi com a efetivação do conceito terceira idade que a história da velhice sofreu profundas inversões dos valores a ela atribuídos. Assim, aquilo que era historicamente entendido como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude





no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, agora, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novas práticas, habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família.

Em outras palavras, lendo e discutindo textos, fílmicos, teatrais ou literários, de temática histórica, os leitores idosos que fazem parte do projeto "Literatura e História: práticas leitoras com um grupo de leitores da terceira idade" estão construindo práticas

leitoras que possam auxiliá-los a compreender que a sociedade, de acordo com o tempo, atribui valores e interesses diferentes à pessoa do idoso, à temática velhice e, conseqüentemente, ao processo de envelhecer.

NOTA

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras, UNICENTRO-Irati. E-mail: marileiag@irati.unicentro.br.

REFERÊNCIAS

ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 122-158.

FERREIRA, A. C. *História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares*. Pós-história. V.4, Assis: UNESP, 1996, p. 23-44.

FIGUEIREDO, V. F. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico hoje na América Latina. *Cânones e contextos: Anais do 5º Congresso ABRALIC*, Rio de Janeiro: ABRALIC, 1998. v.1.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LE GOF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LOBO, L. Literatura e história: uma intertextualidade importante. In: DUARTE, Constância lima; DUARTE, E. de A.; BEZERRA, K. da C. *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Coleção mulher e Literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2002, v. 1.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. México: Era, 1977.

MALARD, L. Romance e história. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 1996. p. 143-150.

PESAVENTO, S.J. Contribuições da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LENHARDT, J.; & PESAVENTO, S. J.(Orgs.) *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, p.41-50.

WEINHARDT, M. Considerações sobre o romance histórico. *Revista de Letras*. Curitiba: UFPR, n. 43, 1994, p. 49-59.